

MORFOLOGIA DO ESPAÇO URBANO– ESTUDO DO TRAJETO DA RUA QUINZE DE NOVEMBRO EM PELOTAS/RS

**KARINA SCHMIDT NUNES¹; LIARA DALSOTO CALLEGARO²; MOHANA
SALOMÃO DE MATTOS³; ANA PAULA POLIDORI ZEHLINSKI⁴**

¹*Universidade Federal de Pelotas– karinaschmidt@hotmail.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas– liaradalsoto@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas– moohana@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas– anapaulapz@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Pode-se entender como conceito de morfologia urbana, o estudo da estrutura, forma e transformações de uma cidade, considerando as cidades como seres vivos que modificam-se constantemente e que possuem funções variadas. O tecido urbano configura-se pelo seu sistema viário, pela aglomeração e isolamento de edificações, assim como pelos espaços livres. Esse tecido é dado pelas edificações, ruas, quadras, lotes e praças, onde esses elementos podem ser considerados como organismos em constante atividade e transformações ao longo do tempo (REGO e MENEGUETTI, 2011). As edificações conformando e sendo conformadas pelos espaços livres ao seu redor, vias públicas sendo utilizadas pelas propriedades privadas, são elementos que se inter-relacionam e definem o tecido urbano (MOUNDON, 1997), e a maneira como esses elementos organizam-se são objetos de estudo da morfologia urbana de uma cidade.

O presente trabalho foi realizado durante a disciplina de Teorias do Urbanismo II, vinculada ao sexto semestre da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (FAUrb UFPel), tendo como intuito geral demonstrar as características da morfologia urbana de um determinado local definido a critério do aluno. Como princípio norteador, buscouse analisar as influências dessas características como contribuição para a identidade de um lugar, levando em conta princípios abordados em sala de aula. O estudo teve também como intuito analisar de que maneira a morfologia urbana, a sociedade e o urbanismo se relacionam e estão interligados, buscando perceber de que forma esses elementos são perceptíveis e o quanto essas características modificam-se no espaço.

2. METODOLOGIA

Como ponto de partida, escolheu-se como local de trabalho a Rua XV de Novembro na cidade de Pelotas/RS, devido sua grande importância para a cidade, desde os tempos remotos até os dias atuais, por tratar-se de uma via que faz parte da formação histórica da cidade. Ao percorrer sua extensão é possível visualizar legados de diferentes épocas, identificar relatos de pessoas que vivenciam essa rua há anos, que partilharam nela momentos distintos e que até hoje dão a esse trecho de Pelotas um ar onde o novo e o antigo se relacionam de forma muito rica e ímpar. Além disso, a escolha do local se deve à identificação de três trechos ao longo da Quinze, os quais se diferenciam em termos de morfologia urbana, evidenciando-se durante o trabalho que os comportamentos encontrados, embora distintos, não fazem com que a rua perca sua identidade.

Para a realização do trabalho, percorreu-se a Rua XV de Novembro no seu trecho contínuo de maior extensão, desde a esquina com a Rua Barão de Mauá

no bairro Porto, até a esquina com a Rua Rafael Pinto Bandeira. Foram definidos três trechos diferentes para análise (figura 1), sendo possível dessa forma identificar por etapas suas características distintas e similaridades. Definiu-se como área inicial do trajeto e denominou-se como Trecho 1, o percurso entre a Quinze com a Rua Barão de Mauá, estendendo-se até a Rua Três de Maio.

No segundo trecho, analisou-se as características morfológicas do que pode-se chamar de “coração” da Quinze, uma região central que abrange o principal comércio da cidade de Pelotas, compreendido entre a Rua Três de Maio e a Rua Dr. Cassiano. Já no terceiro trecho, o estudo realiza-se após o Parque Dom Antonio Zattera, localizado na Avenida Bento Gonçalves, até a esquina com a Rua Rafael Pinto Bandeira.

O percurso foi registrado através de fotos e vídeos de pontos pertinentes que identificassem as características mais relevantes de cada um dos trechos. Além disso, foram realizadas entrevistas para obter informações e opiniões à respeito dos lugares estudados. Posterior a isso, realizou-se a gravação de um vídeo como produto final, afim de que esse pudesse evidenciar as características de cada uma das áreas conjuntamente.



Figura 1: Mapa esquemático em vista de topo da extensão da rua Quinze de Novembro – Identificação da Zona 1, Zona 2 e Zona 3

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o decorrer do trabalho, foi possível observar que as diferentes características da morfologia urbana de uma cidade podem ser visualizadas em áreas, que correspondem a bairros ou segmentos de um bairro, ou ainda como objetivamos nesse trabalho, em uma rua, que na sua extensão apresenta diversas sensações, vontades e percepções diferentes.

Foi possível observar na primeira região percorrida alguns galpões e terrenos extensos fechados por muro (Figura 2a). O uso residencial é predominante, mas observa-se também a presença de alguns estabelecimentos comerciais ao longo deste primeiro trecho. As alturas das edificações variam entre um a quatro pavimentos, sendo que os edifícios de quatro pavimentos aparecem de forma pontual. Além disso, observa-se que a grande maioria das edificações estão posicionadas no alinhamento predial com suas janelas voltadas para as calçadas. Outra característica é a presença de alguns prédios históricos em um estado precário de conservação. Nota-se também no percurso, tanto o fluxo de pedestres quanto o de veículos, pouco intensos.

Pelo fato de fazer parte da região portuária e por ser um trecho com algumas indústrias, a morfologia do lugar apresenta características que causam uma

sensação de amplitude no local. Tal amplitude é ocasionada pelos gabaritos largos das ruas, que aliada ao baixo fluxo de pedestres e veículos, transmitem por vezes a sensação de estar perdido no espaço daquelas vias e também de insegurança naquele lugar. A maioria das residências, com suas janelas voltadas para as calçadas e uma altura que se aproxima da escala humana, promovem a interação entre os moradores nessa região. Isso pode ser analisado nas entrevistas realizadas, observando-se a maneira como o modo “comunidade” está intrínseco no lugar, pois existe o contato direto entre vizinhos.

Na segunda parte do percurso, aproximando-se da Rua Dom Pedro II, observa-se que começam a surgir pontos como estacionamentos, brechós, lan-houses, onde as pessoas circulam com maior intensidade, o espaço da rua torna-se menor, e os carros começam a tomar mais espaço, sejam estacionados ou em circulação. Continuando em direção ao centro, encontra-se a identidade mais preservada da Quinze, circundada por pontos importantes como o Mercado Público, a Biblioteca Pública, a Prefeitura, o Café Aquarius entre outros locais que demarcam o caráter histórico da rua. A ocupação é feita de forma mais densa no espaço, onde se observa a presença intensa de comércios, restaurantes e lojas de tipos variados. As edificações encontradas são de maior altura e as ruas e calçadas são estreitas (Figura 2b). Quanto à característica dos fluxos, observa-se que o movimento de pessoas é intenso e misto, com os mais variados objetivos. O fluxo de carros por sua vez é menor, visto que nesse trecho há uma quadra de calçadão com o uso exclusivo para pedestres, o que torna o tráfego de veículos descontínuo e pode influenciar na escolha da utilização dessa via para a realização de grandes deslocamentos, e por se tratar de uma região central e comercial, atende as demandas locais quanto ao deslocamento de veículos.

Os prédios altos, as calçadas e os gabaritos estreitos e o grande fluxo de pedestres caminhando de forma dispersa, citados anteriormente, transmitiram durante o percurso sensação de confinamento em certos momentos nesse segundo trecho. Percebeu-se diferentes usos naquele local, como pessoas que se encontram há anos para conversas rotineiras no Café Aquarius, bem como troca de conversas entre comerciários e pedestres que circulam olhando vitrines.

Já no terceiro trecho, localizado após o Parque Dom Antônio Zattera, predominam edificações de uso residencial com a presença de alguns pontos de serviços, como consultórios e clínicas. As edificações de quatro e cinco pavimentos aparecem com maior frequência, e as casas possuem em sua grande maioria recuo frontal (Figura 2c). O gabarito da rua é maior em relação aos outros trechos, bem como as calçadas das edificações são mais largas. O fluxo de pedestres é baixo, caracterizado apenas pela presença esporádica de moradores que caminham na rua, assim como há pouco movimento de veículos.

O Parque Dom Antonio Zattera é percebido como um elemento marcante de divisão de duas áreas. Ao mesmo tempo em que se constitui como um limite físico, por interromper a continuidade da via, pode ser entendido como elemento de transição, já que o caminho aberto para pedestres no parque proporciona uma sensação de prolongamento da Quinze. Após atravessar o parque em direção ao norte, encontra-se um trecho da rua que se assemelha ao interior de um condomínio, pela sensação de tranquilidade que o ambiente transmite. A região em si possui características semelhantes à primeira área percorrida no bairro Porto e totalmente inversas à Quinze do Café Aquarius citada anteriormente. A sensação que tem-se do lugar modifica-se, talvez pelos edifícios altos que passam a aparecer com maior frequência, bem como pelo recuo das casas e pelo padrão econômico do local.



Figura 2: a) Rua XV de Novembro esquina Rua João Manoel; b) Rua XV de Novembro esquina Rua 7 de Setembro; c) Rua XV de Novembro esquina Rua Dr. Amarante

4. CONCLUSÕES

As percepções obtidas em cada trecho do percurso variaram em vários pontos explicitados no trabalho, onde vivenciar o espaço foi de suma importância para apreender as características comentadas. Ao percorrer grande parte da extensão da Rua XV de Novembro, foi possível observar que a rua possui variações na sua conformação, que puderam ser percebidas pelas casas construídas, pelos carros, pelas pessoas que circulam no local, entre outros aspectos de morfologia urbana e da vivência do lugar. Pode-se perceber que o percurso em sua totalidade não teria o mesmo resultado, se fosse percorrido dentro de um veículo, visto que os detalhes analisados só são possíveis de se perceber com a cautela e o ritmo de quem caminha. Acredita-se que é correto pensar que os espaços públicos, de Pelotas ou de outros locais, podem todos serem olhados dessa forma, sendo possível perceber de modo mais atento suas carências e vantagens.

Após o percurso realizado pode-se concluir que a Quinze, apesar de possuir três zonas com características diferentes quanto a sua morfologia urbana, não perde sua identidade e seu caráter como via, a importância que a rua tem na cidade de Pelotas. Em toda sua extensão, é continua a capacidade desta de propiciar as relações entre as pessoas, sejam as de vizinhança – demonstradas mais no início e no fim do trajeto – ou as relações por amizade e encontros – como ocorre no Mercado Público e no Café Aquarius. Através desse estudo demonstra-se portanto, que o urbanismo e suas diferentes morfologias são compostas pelo sujeito, e as relações do sujeito podem definir as características de uma rua ou até mesmo de uma cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAMAS, J. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian, 5º edição, 2010.

REGO, R. L. e MENEGUETTI, K. S. A Respeito de Morfologia Urbana. **Acta Scientiarum Technology**, Paraná/Brasil, v. 33, n. 2, p. 1-5, 2011.

MOUNDON, A. V. Urban Morphology as an Emerging Interdisciplinary Field. **Urban Morphology**, v. 1, p. 1-9, 1997.